

SUBSÍDIOS PARA A COMPREENSÃO DOS CONCEITOS EXISTENCIAIS EM KIERKEGAARD

Subsidies for understanding existential concepts in Kierkegaard

*Raul Guimarães Lopes**

* Médico Psiquiatra. Doutor em Medicina pela Universidade de Heidelberg. Introdutor e divulgador dos Grupos Balint na Zona Norte depois de formação na Alemanha. Psicoterapeuta Existencial e Professor.

Com o presente texto procuramos distinguir algumas das ideias idiossincráticas de Kierkegaard do ponto de vista conceptual.

Vida

A vida é considerada decurso biológico da pessoa. É um *continuum*. Flui autonomamente, por processos geneticamente herdados. Tem história, própria da afinidade ao tempo vital (passado, presente, futuro). Apresenta sensibilidade e racionalidade, logo pertence ao estágio “estético”, ou imanente, segundo Kierkegaard. Acontece sem esforço. “É a vida”, como comumente designada.

Existência

O existente muda de estágio por livre escolha advinda do decisivo salto qualitativo. A existência é opção ética e religiosa. Exige escolha e deliberação. Está em *dever* e desenvolve-se por *salto qualitativo*. Este inaugura *renovado início*. O dever manifesta-se por solução da continuidade. A mudança no dever é a passagem do possível ao real. Prática do esforço. É *tornar-me* outro, por minha decisão.

O salto manifesta-se na categoria da decisão. A consequência é qualitativa. Origina ou a *Falta* (seguida de queda), ou a *Renovação* da pessoa.

Estádios e confinamentos

Vejamos agora três Estádios (ou Esferas) da Existência: Estético (Imediato). Ético. Religioso, e dois Confinamentos: Ironia e Humor.

Os *estádios* (ou esferas) são modos distintos de existir. Passa-se dum a outro por salto qualitativo e não automaticamente “ao deixar correr a vida”. São opções decisivas, na interioridade.

Os *atributos* dos três estádios são, respetivamente, prazer, dever, fé. Também podem ser conotados com três *mundos*, o pagão, o judaico, o cristão.

Quanto à *duração*, o primeiro é fugaz. O segundo é duradouro. O outro é a busca permanente do incondicionado, do eterno.

A comunicação é direta no “estético” e indireta (pelo agir) no ético e religioso.

Os *confinamentos*, não são limites entre os estádios, mas, antes, transições entre eles com aspeto “negativo” ou impeditivo do estádio anterior e “positivo” ou promotor do estádio seguinte. Ao entrar no estádio seguinte entramos na dialética do temporário/eternidade ou finitude/infinidade. Estão nesta situação o ironista e o humorista.

A interioridade pode resolver a questão ao induzir o *salto qualitativo*. Mas, é necessário optar e decidir.

Estádio Estético

Imediato, imanente, sensível e racional, finito: próprio do viver humano. Estético, aqui, não se refere à arte como ramo da filosofia, mas à *aisthetike*, grega, como sensibilidade. Os antigos gregos ligavam-na à percepção da beleza. Na Bíblia é expresso como a “carne”. “*Vós julgais segundo a carne. Eu a ninguém julgo*”. (S. João 8:15).

É «estética», no sentido kierkegaardiano, o todo natural e inteligível, a história, a poesia, a literatura, a arte, a moral, a filosofia, a ciência, o todo social. Tudo imanente. O esteta vive o momento. Podendo, nele, desesperar. É o “espinho na carne” da impotência espiritual.

Pode ser entendido através da música de Mozart (Kierkegaard era perito nisso). Só a música consegue exprimir as esferas, pois não é reflexiva. Na primeira fase não se distinguem *a libido e o seu objeto*. Como o Pajem nas *Bodas de Fígaro*. Na segunda *a libido é reconhecida, mas o seu objeto não é identificável*. Como Papageno na *Flauta Mágica*. Na terceira, *concretiza-se quer a libido, quer o seu objeto*. Como Dom Juan na ópera *D. Giovanni*.

Há ainda, neste estádio ou esfera, intensa busca do *prazer* (modo de estar sensual), há *incerteza* (modo de estar da dúvida), há *angústia* (modo de estar no desespero), imortalizados nas figuras do Dom Juan, de Fausto, e do Judeu Errante.

Confinamento da ironia

Entre o estádio Estético (imane) e o Ético. Não é a comum ironia como mofa, motejo, remoque. Também não é figura de retórica ou literária. *Momo* era a figura que a personificava na Mitologia Grega.

Sócrates usava a ironia como método: a *Maiêutica*. Tinha o significado de “dar à luz” a verdade, na pessoa. Usava a forma interrogativa, deixando um vazio. Kierkegaard segue os trâmites semelhantes. Os autores clássicos usavam-na como *pretexto*. A ironia na Existência é via na procura da Verdade, corrige a vida imediata e também a castiga. É “cultura do espírito”.

O Ético ao empregar a ironia é “estrangeiro no mundo finito”. Mas está atento ao “desvio” e pune o infrator ao indagá-lo e deixando-o a pensar. Interroga o «estético» e deixa perpassar valores do estádio ético. Descobre os paradoxos na Existência.

Após a libertação do Egito, o povo israelita atravessava o deserto. Não havia água. E contenderam, ironicamente, contra Moisés. “Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matares de sede, a nós, aos nossos filhos e ao gado?” O ironista dá atenção a si e a si-próprio, isto é, mostra aos outros como imagem o que é interiormente, no *eu-profundo*. Estamos a falar do *proprium atual e ideal* (vulgarizado como *self*).

Estádio ético

A ética é, eminentemente, pessoal. Todavia, confunde-se ética com moral, esta é social. O espiritual não é confundível com o social. A chamada

«ética médica» é uma forma de moral profissional. O termo “moral” é mal aceite, pela imprópria substituição do “bom” pelo “bem”.

O estágio ético é devir, não é estado. É esforço, não é “uso e costume”. Não advém do conhecimento. Origina-se na opção seguida de decisão. Quando há escolha ética do Bem e a pessoa opta por esse caminho, há *seriedade*. Também se pode dizer quanto à *felicidade* como realização do *dever ético*.

Neste estágio há cumprimento do dever, levando ao patético (*pathos*) e ao contraditório (cômico). A ética chega a elevado grau de Individualização, pela manifestação do *proprium ideal*. Contudo, não há total realização. Isso só é conseguido no estágio seguinte.

A figura paradigmática, escolhida por Kierkegaard, é a do marido fiel. Também, é o “Juiz Wilhelm” na obra *Alternativa* (OC IV - 2.^a parte; A Personalidade).

Confinamento do humor

O Humor Existencial está entre o estágio Ético e o Religioso (Interioridade). “Humor” relaciona-se com “húmus” com que o Homem foi formado. Para os gregos, era qualquer dos fluídos corporais (sangue, fleuma, bÍlis amarela (cólera), bÍlis negra — fundamento das diferentes disposições ou “estados de humor”: sanguíneo, fleumático, colérico, melancólico).

O humor existencial não vem do imediato como jocosidade, piada, chalaça, chacota, zombaria. Nem é “emoção” psicológica. É a seriedade no ordenamento de si.

“O humorista encontra alívio ao regular o absurdo e encaminha, de modo paradoxal, o acento para uma bagatela...” Graceja. Daí o cômico como contradição. “Depara-se com o sofrimento, mas ameniza-o pela singeleza do divertimento. Mas, não o aprofunda, pois há sofrimento”. Toma o lado recreativo. Vejo-me a andar muito apressado. Paro num semáforo de peões. Do outro lado, um rapaz, sorridente, bate palmas e diz “chegou à meta”.

O sofrimento e a dor continuam sem explicação. Logo, no seu fundo do humorista há insatisfação. Não se resolve a ir em frente. Encontra tristeza na Existência, mas não a cuida.

Há uma forma atormentada de humor. Pilatos tinha-a. No diálogo com Jesus surgiu a questão do testemunho da Verdade. E perguntou. “*O que é a verdade?*”. E virou as costas à Verdade encarnada. Apesar da sua sólida formação romana não aguentou o padecimento de se confrontar com o paradoxo. Kierkegaard chama “demoníaca” (atormentada) à forma de se apresentar “de modo súbito e com falta de continuidade”. Pilatos, “fechado em si” e insatisfeito com a sua injustiça, procura desculpabilizar-se com a frase atormentada “*lavo daí as minhas mãos*”, e entrega o Messias aos judeus para o crucificarem.

Ao procurar dentro de si-próprio a causa da insatisfação, aprofunda-se a *interioridade* e dá-se importante passo para a esfera religiosa. Mas, se não a atinge, é por falta do *salto qualitativo* da Fé. O humorista deixa aberta a porta de trás do imanente. É revogador do religioso.

Estádio religioso

Não confundir com «religião», qualquer que seja. Ter “uma religião” não significa ter fé e assumir o paradoxo acompanhado do sofrimento da sua crença. Trata-se de uma escolha radical. Aqui, o sofrimento é o mais elevado *pathos existencial*.

A pessoa procura a sua realização através da fé, e não da razão. Mas surge o paradoxo, “protesto contra a imanência” e há que o assumir. “O paradoxo é a *incerteza objetiva* a exprimir a *paixão da interioridade*, pois é precisamente a *verdade*.” (OC X, Vol. I, p.191).

Kierkegaard denomina Religiosidade A, da imanência. É natural. É a religiosidade dos pagãos. A Religiosidade B é genuinamente cristã, relacionada com o “absoluto paradoxo” da Encarnação, só validada pela Fé.

Neste estágio todo o agir é por *Amor*. É esta a “religião”. E a *autenticidade* existencial. Lembremo-nos das “transgressões” de Jesus a curar (=trabalhar?) ao sábado (dia santificado).

Obediência é a epígrafe deste estágio. A figura de Abraão ilustra a incondicional obediência a Deus. Abraão recebe a ordem divina de sacrificar Isaque, o filho da sua velhice. Vai com ele ao Monte Moriá (atualmente, em Jerusalém, é o monte do Templo) e à pergunta de Isaque sobre o animal do sacrifício responde, com Fé: “*Deus proverá*”. E assim, aconteceu. É considerada a *suspensão teleológica da ética*.¹

Há auto aniquilação perante a obediência a Deus. Nas suas mãos há segurança, muitas vezes incompreendida. O que pode gerar revolta pelo conteúdo puramente imediato, incongruente com a finalidade religiosa. Cuidado com as orações e a nossa vontade: Deus é onisciente! Ele sabe do que precisamos. O rei David, angustiado, escreveu: “*Descansa no Senhor e espera nele.*” (Salmo 37:7).

A Fé é a relação pessoal com Deus, não é um atributo genérico. Neste estágio a pessoa é *Única*.²

Ansiedade, Angústia, Desespero

Ansiedade (do lat. “*anxius / anxiaré*”) designa (atualmente) almejar, aspirar, ansiar, anelar, suspirar pelo que falta.³

Angústia (do lat. “*ango*”) tem o sentido de constrição, estreiteza, constrangimento, sufocação, aflição, opressão, afogo, aperto, confrangimento, abafamento.

¹ Teleológica é a finalidade da ação. Não confundir com teologia.

² Isso é exposto na Obra “Temor e Tremor” (OC V) e no “Post-Scriptum...” (OC XI - II).

³ Não é o desejar, apetecer, pretender, ambicionar. O seu sentido existencial é profundo, pois é ético-religioso.

A ansiedade surge essencialmente no domínio ético-religioso, dando inquietação referida ao que, para a pessoa, é desobediência às suas possibilidades. Apresenta a essencial questão do que anseia realizar (porvir) o que poderia ter sido realizado e não foi. Mas, ao ser sentida a transgressão a ansiedade é esperança. Relaciona-se com as esferas existenciais superiores ao imediato, portanto espirituais. É comunicativa e cinética.

A angústia surge com marcado componente somático e ao enraizar-se na pessoa, corporaliza-se em diversos departamentos orgânicos originando a angústia patológica com multimoda sintomatologia como se verifica nas doenças psicossomáticas, nas neuroses e, mesmo nas psicoses. Liga-se à tristeza com dupla função: ou a explora ou a apresenta inesperadamente. É fenómeno trágico, por isso. Também se refere ao nada, à própria morte, à incerteza do porvir, à despersonalização, a erros e faltas profundamente sentidos. Quando referida ao demoníaco⁴ (espírito encarcerado em si) e perante o Bem, é tormento. É reflexiva, retrospectiva e inibitória.

S. Paulo em profunda aflição temeu pela vida

S. Paulo esteve em perigo de vida, em Éfeso. Por isso, diz ter estado em tribulação e até ter perdido a esperança da vida, no meio de grave tumulto da população ao ser criticada a sua deusa (II Cor 1:8). Mas, superou confiando em Deus e ajudado por orações de fé. Manteve indemne o seu proprium continuando o apostolado.

Desespero

Do lat. “de+sperare”, perder a esperança. Pode referir-se à conceção estética (imediata) da vida. Esta baseia-se em condições exteriores a si⁵. Mas, o verdadeiro desespero é “noxa” do espírito, do eu-próprio (de “mim”). A cura

⁴ Demoníaco não é o diabólico. Confusão na Idade Média a continuar hoje.

⁵ Como notícia no jornal: “Comerciantes «desesperados» por obras na sua rua”.

do desespero está na capacidade, pela dupla reflexão, em ser o próprio, não meramente um “eu” pronominal, semântico. Em mera relação com o imediato. Mas, o eu-profundo é capaz da dupla reflexão e comunicação consigo próprio. Há três formas de desespero por falha de o Proprium:

Viver sem-sentido. Sem consciência de ter um eu-próprio. Impessoalidade. Defeito de o Proprium. Viver somente o cotidiano, comer, trabalhar, dormir... viver por viver. Não sair do imediato. É falso desespero. Antes desânimo, desalento, abatimento.

Desespero-fraqueza. Não querer ser “si-próprio”. É a mistificação se si-próprio. A dialética é o agradável /desagradável. Os conceitos baseiam-se no acaso, destino, superstição, má sorte. Fecha-se em si. Atormenta-se. Está em perigo de suicídio.

Desespero-desafio. Querer ser “si-próprio”. Revela não-aceitação de Si. Revolta-se contra a vida, a sua “cruz”. Não só rejeita a esperança como se impõe a ela. Imagina(-se). Perde o eterno. É contumaz contestatário. O tratamento do desesperado é difícil, pois a farmacologia é impotente, levando antes a atitudes espirituais, começando pela reconsideração do seu sofrimento em viver assim e a prática da Fé para a Esperança tudo mudar.

Jonas: o desobediente revoltado

Jonas recebeu o mandato de levar uma mensagem de arrependimento e salvação à cidade de Nínive (atualmente Mossul, no Iraque). Revoltou-se contra a ordem e procurou fugir para o lado contrário. Embarcou num navio mas, numa tempestade começou a afundar. Sabendo-se culpado pediu para ser atirado ao mar. Um “grande peixe” engoliu-o. Arrependeu-se e pediu perdão a Deus. “Na minha angústia, clamei ao Senhor, e ele me respondeu. Do ventre

da morte gritei por socorro, e tu ouviste a minha voz”. (Jn 2:2). O peixe expeliu-o na costa. “As águas me cercaram até o pescoço, a profundidade me envolveu, os juncos se enrolaram em minha cabeça. Eu afundava até as raízes dos montes, a terra me fechava para sempre; mas tu fizeste subir do sepulcro a minha vida, ó Senhor meu Deus”. (Jn 2:5-6, citando o Salmo 42:7-8). Jonas, então com esperança, seguiu para Nínive. Pela mensagem a cidade penitenciou-se da maldade e não foi destruída.

O conceito e a dupla reflexão

1. Conceito

O conceito resulta da criação da ideia. O conceito é em si uma abreviação, torna-se impotente perante a realidade.

A ideia é representação descoberta ao dar sentido pessoal ao vivenciado. É gerada sob a forma de abertura e manifestação, é fenómeno.⁶ Reverbera o significativo. Diz Kierkegaard: “Importa não ser alterado o fenómeno e que o conceito se desenvolva à luz do fenómeno” (OC II, p.7). O fenómeno integra a vivência.⁷ Basta entender a sua intencionalidade, no contexto em que trabalhamos. Ou seja, questionar-se sobre o sentido da situação.⁸

A ideia, como princípio e regra de vida, reordena a situação vivida na ocasião. Essa atividade opera como inspiração criativa. Essencial é “captar o elemento musical na ideia”. A sua harmonia comigo, a sua intencionalidade, dá o sentido situacional.

A ideia, no mundo próprio, conecta-se com o fio vermelho⁹ do Projeto pessoal de existir, sempre em realização pelo devir. Flui, mudando e progredindo. O possível torna-se realidade pelo devir, ao ser escolhido por

⁶ “Aparece à luz” da consciência.

⁷ Trabalhamos este assunto no estudo “Fenomenologia e Psicologia – Da Psicologia Fenomenológica à Existencial”, integrado no Curso de Psicologia em que colaboramos na Universidade Católica de Braga.

⁸ Procure entender a revolução da fenomenologia.

⁹ Fio condutor.

mim-próprio. Realiza-se. Participa de nova temporalidade estabelecida e modifica-se com o tempo (tem história).

O necessário por ser estático (“presente”), não tem devir. Os conceitos de Kierkegaard movimentam-se pelo devir, transformam-se, como já dissemos, atendendo às suas diferentes categorias.

Relevante, é compreender o objetivo do Projeto, “encontrar a Verdade a ser uma para mim e a Ideia pela qual possa viver e morrer” (Kierkegaard, Journal I, p.51). A verdade é apropriação e revelada pela ação em devir. Só existe no ato. A subjetividade como Verdade resulta do Salto Qualitativo (v. Dupla reflexão) tornando-nos nós mesmos.

Na economia da ação, sobressai a intencionalidade da ideia (visa algo com sentido) e tendemos a dar-lhe formulação sintética, ao exprimi-la pela linguagem. Daí resulta o conceito, como sùmula dela concebida. O conceito é entendido pela categoria existencial¹⁰ e pelo contexto hermenêutico original.

“O conceito de imediatidade pertence à lógica, o de inocência à ética; qualquer conceito deve ser tratado segundo a ciência a que pertence, pela ciência em que foi desenvolvido, quer se tenha exposto com base numa pressuposição ou não.” (OC VII, p.137). Essa “ciência” (incluída no contexto) dá a categoria do conceito, conferindo-lhe o sentido.

Kierkegaard entendia o conceito como “tricotomia”: idealidade, atualidade, consciência. Na consciência sobrevém a colisão entre idealidade e atualidade, dada pela reflexão imediata (racional). Mas, pela dupla reflexão o proprium tende a resolvê-la ao dar-lhe sentido para Si. Torna-a existente.

¹⁰ Ou seja, nas esferas da existência (estética ou do imediato ou sensível, ética ou do dever, religiosa ou do paradoxo da fé).

2. Dupla reflexão

É uma reduplicação. A primeira reflexão (imediata) é a do pensamento subsequente ao tema. A segunda, é sentir a sua personalidade pela reflexão na interioridade de si a significância pessoal.

A dupla reflexão só acontece no seio da interioridade. Esta apreende-se. É dupla, pois começa com a reflexão da razão, ao nível imediato, objetiva. Ao raciocinar. Seguido pela autorreflexão do assunto sobre si, no modo subjetivo, a nível ético e religioso, ou seja, do espírito. É conceber.¹¹ Aí reside a verdade da pessoa como apropriação. É “cair em si”. Pois, o existente estando em devir, a segunda reflexão aperfeiçoa-o. A dupla reflexão é, portanto, o modo existencial de assumir a interioridade no assunto em causa. A atualização da interioridade é dialética, entre o exterior e o seu interior. Há ponderação na oculta interioridade de cada um e, por outro lado, só pode ser comunicada indiretamente.¹²

“A reflexão da interioridade é a dupla reflexão do pensador subjetivo... A dupla reflexão encontra-se já na própria ideia de comunicação; o indivíduo que existe na interioridade do seu isolamento quer comunicar... dando-se ele mesmo a conhecer.” (OC X, Vol. I, p.70).

É esta suprema tarefa do existente testemunhar, comunicar, pela forma como atua, a verdade.

O filho pródigo caiu em si

Caindo em si, disse: “Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome! Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados. A seguir, levantou-se e foi para seu pai” (Luc. 15:17-20).

¹¹ Maiêutica, em Sócrates.

¹² A comunicação direta usa a palavra, a indireta usa o executar.

Contemporaneidade espiritual

Na noção comum, contemporâneo é quem vive na mesma época. Resulta do tempo cronológico (imanência). É o atual, coevo, presente, imanente. O passado, presente e futuro são ilusórios na sua imanência. Transitivos e superficiais no viver. Mas, para Kierkegaard o sentido é totalmente diferente. Primeiro, o tempo existencial é o devir, o transformar-se. Depois, atender à interioridade e à eternidade. Por exemplo, foram contemporâneos imanentes de Cristo soldados romanos, Pilatos, Barrabás, fariseus, escribas e semelhantes. Mas, no segundo sentido foram Pedro, Maria Madalena, os discípulos, Maria Tereza de Calcutá e outras pessoas abençoadas.

Pela fé, continua em nós. Hoje. O “tempo” de Deus é o eterno. Por isso, está omnipresente em cada um. É onisciente, sabe o que necessitamos, no seu “tempo” próprio. Repetimos, diferente do tempo do deus grego Chronos, na Bíblia referido ao tempo quantitativo (cronológico). Mas, também é referido o Kairos, o tempo oportuno. Esse termo originou o vocábulo “crise”, com o sentido de “carência”. A bênção de Deus é dada neste tempo. Oportunamente, não ao desejar.

Nas idiossincrasias de quem escolhemos vamos, espiritualmente, segui-las contemporaneamente. Com responsabilidade pessoal nas escolhas e, principalmente, no agir.

“Há diversidade de dons, mas o espírito é o mesmo” (I Cor. 12:4). Há aprofundamento através de cuidada “imitação” da ideia no agir, do “como” foi então resolvida, com sentido espiritual.

A contemporaneidade não é duração, é permanência. É o Instante do eterno perpassando pelo tempo. Daí resulta nova temporalidade, a da contemporaneidade espiritual. Síntese da eternidade e da finitude. Sem contemporaneidade espiritual é viver “só e abandonado de si próprio”. Estar em solidão e desamparo. Essencial é ser-se contemporâneo de si-próprio. Ilumina “hoje” qualquer nova tarefa.

O nosso contemporâneo Kierkegaard

Kierkegaard é figura talentosa de todos os tempos. Deixou-nos profundos escritos. Foi perspicaz em teologia e psicologia e polêmico pela Verdade. Isso acarretou-lhe sérios dissabores. Quer no âmbito social, quer eclesiástico, quer mesmo pessoal. Na rua cumprimentava todos. Era amigo de quem necessitava e de quem trabalhava. Exortou, a cada um, a ser contemporâneo de si-próprio, como foi de si.

Ser contemporâneo de si-próprio é manter a consciência de existir e não, só viver. Procura ativa da dupla reflexão nas escolhas e decisões pessoais, comprometimento com as resoluções tomadas para consolidação da autenticidade, com sentido existencial. Existir, dizia Berdiaeff, é a pessoa habitar em si, no seu autêntico mundo.

Descobrimos nos conceitos de Kierkegaard modo renovado de estar, existindo. Só se pode ser contemporâneo de si-próprio pela permanência, doada pelo espírito. Havendo somente duração (imanência), perde-se esta contemporaneidade. Fica-se pela inconstante solicitação do presente.

A Contemporaneidade Existencial torna-nos responsáveis pelas opções e procura de sentido para mim. Pela não conformidade à pressão social (por exemplo, o stresse, a compulsão ao consumismo,¹³ a alienante desvalorização da personalidade, sinais de vazio existencial). Se angustiado, pela indagação da causa, e ao não se valorizar, refletindo em si-próprio, vai continuar angustiado.

No Instante de conhecer a contemporaneidade numa Ideia, com a ajuda concetual de Søren Kierkegaard, inicia nova temporalidade introduzida no tempo transitivo, iluminando “hoje” nova tarefa. Assim, me transformo em contemporâneo de mim-próprio. “Desejar ser contemporâneo de si-próprio... porque a maioria está a centenas ou milhares de léguas à frente de si no sentimento, imaginação, intenções, resoluções, desejos, aspirações, visões

¹³ Oniomania é a doença da compulsão a comprar. Mas a compulsão não é só de mercadorias, mas também de serviços.

apocalípticas, ilusões teatrais. (...) O mais apropriado a cultivar e a desenvolver na pessoa é ser, graças ao eterno, inteiramente contemporâneo de si-próprio hoje.” (OC XV, p.69).

A permanência da contemporaneidade dada pelo Instante relacionado com o eterno, inicia nova temporalidade. “O eterno é a única coisa a poder ser, tornar-se, manter-se contemporâneo de todo o tempo. A temporalidade desloca-se interiormente. O presente não pode ser contemporâneo do futuro, nem o futuro do passado. Nem o passado do presente.” (OC XIV, p.30).

Ao conhecer-se Kierkegaard advém o sentimento de se estar a atualizar, de se estar a esclarecer o vivenciar ético e o sentido íntimo do religioso.

O ladrão na cruz, contemporâneo de si-próprio

Jesus crucificado teve a companhia de dois ladrões. Um blasfemava: “Se és o Cristo salva-te a to mesmo e a nós”. Amargurada imanência. Não sai do limitado mundo sensitivo da vida. O outro criticava-o e dizia: “Nós, na verdade, com justiça recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este, nenhum mal fez...” Respondeu Jesus: “Em verdade te digo, estarás comigo, hoje, no Paraíso”.

O ladrão foi contemporâneo de Jesus, momentaneamente, na terra e, pela sua crença, “hoje”, alcançou a eternidade. O “hoje” bíblico tem o sentido espiritual de permanência.

O instante, o salto da fé, a repetição

O instante

Para haver Renovação é necessário o Instante pela dupla reflexão (reflexão na interioridade) e o Salto qualitativo da Fé. O instante no uso corrente é sinónimo de momento, movimento. Sendo, no tempo comum, circunstância, conjuntura passageira, um ápice.

Em Kierkegaard, o Instante existencial (grafamos com maiúscula) é ocasião de interioridade, de inspiração a acontecer, da plenitude do tempo.

O Instante é a entrada do Eterno no tempo, fazendo emergir o novo, permanecendo. Proporciona renovada postura, modo distinto de estar comigo e com os outros. Em corrigida autonomia. No Instante, como porta da entrada do Eterno no tempo, acontece, como já sabemos, nova temporalidade. Acontece no ato da decisão pessoal. Paradoxal no decidir ético-religioso. Como a de Abraão. “O Senhor proverá”.

Kierkegaard examina o recordar (para trás) e o esperar (para diante) contrapondo o Renovar (dizia, “Repetir”) como agora. Tudo a acontecer pelo Instante e a permanecer no devir. Por exemplo, o amor e toda a referência ao espiritual. Kierkegaard, depois da tempestade no noivado e do Instante restaurador, diz: “Sou de novo eu próprio!” Encetou nova fase (religiosa) na sua existência.

Salto da Fé

Não concordando com Hegel na mediação de opostos integrados numa síntese, propôs o Salto qualitativo. O Salto qualitativo é a Fé, como descontinuidade da sucessão imanente. “A Fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não vêem” (Heb11,1).

Na ocasião [transição da esfera da ideia à da realidade, inspiração] do Salto surge nova conjuntura. Mais nobre na plenitude da temporalidade criada. O modo pático ao estar na nova situação muda de colorido e tonalidade, conforme a condição (o como) do diálogo com o outro ou consigo. É o que acontece em Psicoterapia Existencial. Estando o colorido, geralmente, baço pela preocupação.

O tom é pesaroso com o deprimido, animado com o feliz, espirituoso com o bem-humorado, libertador com o angustiado. Há compreensão empática, há “estar-com” (a empatia do coexistir). O sentimento “atmosférico”

(vivência) induz o comunicacional. O terapeuta baseia a comunicação existencial no sentir noético (valoração) da situação. E o colorido torna-se, na oportunidade, mais vivo, animado.

Fé e razão não se excluem. A sua ação está em esferas diferentes. A razão tem limites. A Fé é ilimitada.

“Repetição” (renovação)

No uso corrente, repetição é “mais do mesmo”, voltar a dizer ou praticar o que já foi dito ou feito. É iteração, reprodução. Hábito.

A Repetição (Renovação),¹⁴ em Kierkegaard, é muito diferente da do mundo imanente (grafamos a de Ki em maiúscula). Dá novo sentido ao vivenciado. Para haver Renovação é necessário o Instante, a dupla reflexão (reflexão na interioridade) e o Salto qualitativo da Fé.

A imanência é transcendida, pela nova categoria ético-religiosa. Tem outra sequência. Significa “inovar” as relações. Como na Angústia pela possibilidade de renovar experiências anteriormente frustrantes ou com origem no Mal e sofrimento. Surge ao acontecer o arrependimento, para permitir o resgate (remição) do erro ou da falta. A pessoa, só então, se renova.

A renovação é criadora.

Kierkegaard escreveu um livro, com esse título, a pensar no fim do noivado com a sua amada Regina Olsen. Perguntava: “É possível a repetição?” Para verificar, repete outra viagem a Berlim, já que a anterior lhe foi benéfica. Chega à conclusão do seu sentido não ser o imanente, mas noético (espiritual).

A Renovação progride para a profundidade da Reconciliação consigo próprio. É o “cair em si” da subjetividade. Como aconteceu com o Filho Pródigo. Depois de se reconciliar consigo procurou o pai.

É o novo nascimento, em termos bíblicos. Vemos Nicodemos, admirado em poder “renascer”, sendo velho (S. João 3:3-5). O renascimento é espiritual.

¹⁴ Termo a substituir “Repetição”, pois diz-nos mais.

“Quem quiser a renovação amadureceu no sério” (Kierkegaard, OC V, p. 5).
“Sério” é autenticidade.¹⁵

Jó, figura bíblica da renovação

É o Cavaleiro do Sofrimento Religioso. O existir de Jó expressa Sofrimento e Renovação.

Era muito rico. Mas, perdeu a família e os avultados bens. Os seus amigos dão-lhe incompreensão crítica, interessados na “psicanálise”¹⁶ do acontecer não consciente reprimido, na procura de erros e faltas. E desentendimento da provação enviada, diziam, por poder maléfico e não por Deus. Acusam. Jó defende-se das calúnias, mantendo a integridade da Fé em Deus e tornando-se mais humilde, mesmo orando pelos amigos ao criticarem-no.

Asseveravam os amigos de Jó: “O sofrimento é sinal de castigo, é sinal de erros culposos”, pois “os inocentes não sofrem”. Não eram os seus erros, mas a provação por que tinha de passar. Não havia humana explicação para a provação. Era absurda. Como também a ordem dada a Abraão para imolar o filho da velhice. As ordens divinas são paradoxais. Só pela Fé são entendidas e resolvidas.

A Fé põe a todas as provações termo. Finda a provação, a Jó, por permanecer fiel, foi restituído o dobro do perdido, vivendo até à quarta geração, renovado.

¹⁵ Autêntico é quem está atento ao seu interior.

¹⁶ Avant la lettre.